

Aparecido acha que só cortar não basta

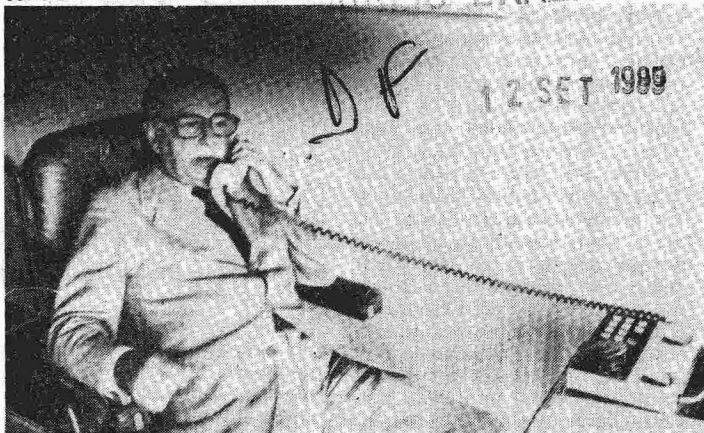
São Paulo (Sucursal) — Em reunião-almoço com alguns dos mais expressivos empresários paulistas e executivos estrangeiros, ontem, no Centro Empresarial de São Paulo, o governador José Aparecido disse que o Governo vai continuar cortando seus gastos, mas alertou que isso não é suficiente:

— O déficit público é essencialmente constituído por custos financeiros e estes continuarão a crescer desordenadamente enquanto as taxas de juros se mantiverem nos níveis exorbitantes atuais. Por mais que o Governo corte nos seus gastos — e ele muito deve fazer neste terreno, a fim de liberar recursos para cumprir suas funções essenciais de prestador de serviços públicos —, o déficit continuará aumentando enquanto as taxas de juros foram muitas vezes superiores ao crescimento da receita pública.

O anfitrião do encontro, Antônio Pádua Rocha Diniz, vice-presidente do Conselho de Administração do Banco Nacional, recebeu, entre outros, os empresários Carlos Antich, diretor-presidente Sanbra; Alain Belda, presidente da Alcoa; Keith Bush, presidente do Conselho de Administração da São Paulo Alpargatas; Horácio Coimbra, presidente da Companhia Cacique de Café Solúvel; André La Laigne de Botton, diretor-geral da Mesbla; Paulo Reis de Magalhães, presidente do Conselho de Administração da Philips; Laerte Setúbal Filho, diretor vice-presidente da Duratex e Kenneth Murray Sumner, presidente da Companhia Souza Cruz.

Durante as 15 horas que passou em São Paulo, o governador conversou muitas vezes a respeito da greve nacional dos bancários. Das 11 horas ao meio-dia esteve com o presidente de honra do maior banco brasileiro, o Bradesco, na matriz da instituição, situada na Cidade de Deus. A cidade de Deus não estava em greve até o meio-dia.

JOAO BITTAR/ANGULAR



Aparecido defende maior queda nas taxas de juros

O governador está satisfeito porque a greve não teve incidentes graves até essa altura, nem em São Paulo, nem em Brasília. Mas ele não deixa de se preocupar. No encontro com Amador Aguiar, percebeu que o maior banqueiro do País também está preocupado.

Amador Aguiar disse a José Aparecido que o Governo deveria entrar mais decididamente na negociação da greve, porque “ela não é um problema só dos banqueiros e dos bancários, mas do governo”. O governador acha que é um problema de muito mais gente. De todos os brasileiros. “Ela afeta a todos nós”, afirmou. Amador Aguiar ponderou que temia pela segurança das pessoas, já tão comprometida. Na sua opinião, por não terem onde guardar dinheiro, com os bancos em greve, as pessoas vão deixá-los em casa e carregar mais dinheiro no bolso, o que vai atrair os ladrões. O banqueiro previu que, se a greve se estender por muitos dias, poderá aumentar o número de assaltos em São Paulo.

Na reunião-almoço, José Aparecido ficou de novo muito próximo ao problema greve, já que o anfitrião era um grande banqueiro, do Banco Nacional. Antônio Pádua Rocha Diniz, que

não via possibilidade de voltar a negociar com os bancários enquanto continuasse a greve:

— A greve é a antítese da negociação — disse.

Afirmou que haveria encontro entre banqueiros, durante o dia de ontem dos quais ele também estaria participando, mas não via possibilidade de oferecer nada aos trabalhadores de braços cruzados. Revelou que algumas agências de seu banco, em São Paulo, estavam funcionando. “Das nossas 76 agências da capital, 12 estavam operando até o meio-dia”. No interior do Estado, a paralisação também não era total, ao menos em suas agências, disse.

José Aparecido não fez menção direta à greve durante o almoço (coquilles de saín-jaques, filé à mostarda, bolo de sorvete) mas seu discurso foi essencialmente econômico. A certa altura, convocou os empresários para ajudarem a resolver os problemas financeiros do Governo:

— Os problemas financeiros que o Governo enfrenta também serão de solução impossível se os empresários não retomam a sua função fundamental de investidores. Não basta que os empresários se preocupem em recuperar o

equilíbrio financeiro de suas empresas. É imprescindível que voltem a investir em capital fixo, que criem capacidade produtiva.

Depois de argumentar que “estamos vivendo do que se investiu no passado” e “os investimentos em capital fixo continuam a níveis muito baixos”, o governador do DF apresentou uma proposta para reduzir “as elevadíssimas taxas de juros”:

— Se o principal obstáculo à retomada de investimentos criadores de capacidade produtiva são as elevadíssimas taxas de juros, que se dê prioridade à solução desse problema saneando a dívida pública interna e reprogramando a dívida externa de forma a reduzir o peso que o seu serviço exerce sobre as finanças públicas. Não há nada demais em transferir para as gerações futuras parte desse peso, pois o que se construir com o dinheiro dessa dívida também beneficiará essas gerações futuras.

O governador defendeu as estatais — “em um País que acumulou tanto atraso como o nosso, o Estado é instrumento essencial do desenvolvimento” — e disse que “ao degradar-se o Estado, toda a sociedade é prejudicada, e, em primeiro plano, os empresários”. A responsabilidade pela degradação é de todos, e, também em primeiro plano, dos empresários. “Não é fácil reverter um processo de degradação do Estado, mas é essa tarefa essencial em torno da qual devemos todos nos unir”.

No fim do almoço, às 15 horas, o governador seguiu, de helicóptero, até o aeroporto de Cumbica, onde embarcou para Brasília, apreensivo com o desenrolar da greve dos bancários. Antes, fez um telefonema, ainda no Centro Empresarial. Pediu que a telefonista ligasse para 2115669. Mas seu amigo particular, o ex-presidente Jânio Quadros, não estava em casa.